

David Foster Wallace: *Hablemos de Langostas*

Diego Gomes do Valle¹

WALLACE, David Foster. *Hablemos de langostas*. Tradução para o espanhol de Javier Calvo. Buenos Aires: DeBolsillo, 2008.

Eu estava no primeiro ano do mestrado, quando um professor comentou, emocionado, sobre a morte de David Foster Wallace². Demorei dois anos para procurar algo do sujeito. Como meu inglês não é compatível com o vocabulário monstruoso deste autor, fiquei imerso em três traduções para o espanhol: *La Broma Infinita* (Infinite Jest), *Extinción* (Oblivion) e *Hablemos de Langostas* (Consider the Lobster). É este último livro que gostaria de recomendar e comentar brevemente sobre alguns textos.

Trata-se de um livro de ensaios que versam sobre temas diversos: o 11/09, o Oscar pornô, as eleições presidenciais de 2000, um Festival da Lagosta, Kafka, Dostoiévski, ou até a análise de um dicionário. Sobre este último ensaio, gostaria de comentar muitos pontos que me pareceram formidáveis.

O ensaio se chama: *La autoridad y el uso del inglés americano*, é uma resenha sobre o *Dicionário de uso do inglês americano moderno*, de Bryan A. Garner. Tenho minhas dúvidas se chamo o narrador do texto de DFW ou simplesmente “narrador”, pois, apesar de ser um livro de ensaios, cada ensaio possui um narrador muito peculiar e, neste caso, caricatural. Este, por exemplo, se considera um maníaco defensor da língua bem falada. Desconheço se DFW era de fato assim, mas, a julgar pelas muitas páginas escritas num estilo absurdamente bem escrito (se a tradução do espanhol não mente), este narrador é *alter ego* de Foster.

¹ Diego Gomes do Valle é mestre em Estudos Literários pela UFPR e, atualmente, doutorando em Teoria e Crítica literária pela UNICAMP.

² Caetano W. Galindo escreveu um texto tocante sobre o suicídio e a influência de DFW sobre o professor no Portal Cronópios (http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id_usuario=36).

Confesso que na primeira página deste ensaio senti calafrios ao ver que o tema era o já mencionado. No entanto, o estilo de DFW é suntuoso e inconfundível. Com uma erudição joyceana, ele passa por Santo Agostinho, Saussure, Steven Pinker, Bíblia, South Park, Orwell e outros. Na página inicial deste ensaio há uma centena de “metidas de pata y cagadas y oximoros y barbaridades solecísticas y estalidos de metano lingüístico de moda contemporâneo” (p.91) ouvidas e anotadas pelo narrador durante uma semana.

O autor anuncia, no início da resenha, que discorrerá sobre os elementos realmente importantes da obra: “retórica e ideologia y estilo” (p.87). Para tanto, o narrador trata da realidade da América, da questão da autoridade imposta discursivamente em determinados momentos da história. Ele separa os lexicógrafos em conservadores (normativistas) e liberais (descritivistas), ou seja, respectivamente, direita e esquerda; e mostra como as questões políticas não podem ser abstraídas de sua análise.

Os conservadores normativos, de acordo com o autor, são geralmente vistos como velhos chatos que têm colunas semanais em jornais. Os descritivistas liberais são intelectuais estruturalistas que dizem “el verdadero estudio no es el lenguaje sino la conducta lingüística. No hay formas mejores que otras, todas son válidas, si las son dichas por uno” (p.101).

Os conhecimentos de retórica de DFW ficam claros quando ele aponta em discursos da história política estadunidense três tipos de apelações ao público: apelação ética, que se dirige aos valores envolvidos em determinado tema ou valores do próprio rétor (é a mais utilizada por Garner); apelação lógica, que remete à validade do próprio argumento mencionado; e a apelação patética, que se refere ao impacto emocional dos argumentos. Esta análise se dirige também a Garner.

Assim, ele traça um panorama inicial entre autoridade e democracia, colocando o autor do dicionário, inicialmente como democrata, ou melhor, com espírito democrático. Este espírito e sua ambiguidade ficam claros nesta passagem de Garner separada pelo resenhista:

Tal como ustedes ya pueden sospechar, no me da vergüenza hacer juicios. Me imagino que la mayoría de los lectores prefiere que sea así. A los lingüistas no les gusta. (...) Lo que ustedes quieren no son descripciones desapasionadas; lo que quieren es una referencia firme. Y eso requiere juicio firme (p.98).

Nesta passagem, o lexicógrafo, retoricamente, coloca o público ao seu lado, apela para o bom senso presumido de quem o lê. Uma manobra que consiste em citar o mesmo público ao qual se está dirigindo como fonte de aprovação de suas propostas. Ou seja, não busca convencer, mas dar por pressuposto que a sua maneira, sua atitude é a que se espera dele. Resumindo: há uma crise de autoridade no inglês americano, e que Garner, cômico disto, responde a esta crise no melhor Espírito-Democrático-Retórico.

Para ilustrar esta crise, o narrador recompõe as guerras dos usos da língua entre normativistas e descritivistas, guerras estas que envolvem questões, como foi dito, políticas principalmente. São alvo de discussão assuntos como: os Estudos Culturais, aborto, politicamente correto, metodologia descritivista, inconsistências lógicas no método descritivista, bullying, relativismo pós-moderno, tecnocracia, variantes linguísticas mais ou menos incluídas ou excluídas etc...

Enfim, o ensaio é brilhante. DFW faz tudo isso que resume exercitando a sua própria retórica, muitas vezes deixando claro que está fazendo isso, dando uma piscadela ao leitor. Esta atitude é recorrente em toda a obra do norte-americano, aliás, é nas notas de rodapé que ele exerce uma de suas marcas: o diálogo pelas notas. Sei que Borges, Guimarães Rosa e outros já fizeram, mas Wallace se supera neste quesito. Por exemplo, no romance *Infinite Jest* há nada menos que 388 notas de rodapé!

Agora, gostaria de passar a outro ensaio, ainda do livro *Hablemos de langostas*, para que eu deixe algumas reflexões de Foster sobre o humor kafkiano.

O Kafka de David Foster Wallace

“Nele (em Kafka), não se dão ‘encontros’, irrupções repentinas, quaisquer estranhamentos propriamente ditos, porquanto o mundo é estranho desde o começo. Não perdemos o solo debaixo dos pés, porque nunca tivemos nele firmemente postados; só que não o notamos de pronto” (Kayser, 2009, p.126.).

“O espantoso, em Kafka, é que o espantoso não espanta ninguém” (Anders, 1969, p.19).

“Há obras em que os acontecimentos parecem naturais ao leitor. Porém há outras (mais raras, é verdade) em que o personagem é que acha natural o que lhe acontece” (Camus, 2005, p.146).

Certamente, far-se-ia uma biblioteca monumental se somássemos toda a exegese existente sobre este checo. Não serei eu aquele que dirá algo de inédito sobre autor tão complexo e peculiar. Se não direi sobre ele, posso dizer sobre o que disseram dele, no caso, o que, o também peculiar escritor, David Foster Wallace disse sobre a obra do criador de Gregor Samsa.

O título do ensaio é *Algunos comentarios sobre lo gracioso que es Kafka, de los cuales probablemente no he quitado bastante*. Como o próprio título diz, o mote do ensaio é ressaltar a questão do humor nos textos kafkianos. Wallace utiliza, para começar sua análise, um conceito da Teoria da comunicação: “exformação”, definido como “cierta cantidad de información vital eliminada de una comunicación pero evocada por la misma de tal manera que causa una explosión de conexiones asociativas com el receptor” (p.80). O problema é que esta “exformação”, não é meramente intertextualidade, ou o dialogismo bakhtiniano, mas evocações inconscientes y “casi más bien subarquetípicas, esas cosas primordiales e infantiles de las que derivan los mitos” (p.81). A ideia é que essas informações externas evocadas para a compreensão (mesmo que polissignificativa) requerem um certo grau de isolamento do que hoje é tido como engraçado (*gracioso*), risível.

Uma característica importante e assaz complexa para aquele que consome um humor mais vulgar é que a comédia de Kafka é sempre também tragédia. É um humor religioso, como Wallace afirma. É um humor “inaccesible para unos niños a quienes nuestra cultura ha educado para que vean las bromas como entretenimiento y el entretenimiento como algo reconfortante” (p.83). A verdade é que o humor kafkiano não é tangível, vulgar, pois é expresso valorizando o secundário, desprezando o previsível. Não se *busca* esse tipo de humor, porque ele já *está* em nós. Wallace utiliza uma imagem muito cara a Kafka: imagina que anelamos desesperadamente entrar em uma porta, chamando insistentemente, sem resposta. Até que conseguimos “y que por fin esa puerta se abre... y se abre hacia fuera: que durante todo el tiempo ya estábamos dentro de lo que queríamos” (p.84).

Wallace sustenta que o humor kafkiano é profundamente alheio aos estudantes americanos (Wallace era professor de literatura), o que podemos analogar aos nossos parâmetros humorísticos que são consumidos pela população (estudantes ou não). Faço a analogia porque as características básicas do humor, descritas pelo ensaísta, correspondem perfeitamente ao que temos por aqui.

E aí chego ao ponto que mais me chamou a atenção neste ensaio: Wallace desloca o problema da interpretação do texto, ou melhor, do humor kafkiano, para o público que lê e é impossibilitado, *in limine*, de compreender a sutileza e complexidade do humor do escritor checo. Foster explica da seguinte forma a gênese dessa impossibilidade:

Una forma tosca de explicar todo ese asunto es que nuestra cultura es, tanto a nivel histórico como de desarrollo, adolescente. Y como es sabido que la adolescencia es el período más estresante y temible del desarrollo humano – esa fase em que condición adulta que aseguramos poseer empieza a presentarse como un sistema real y cada vez más estrecho de responsabilidades y limitaciones (los impuestos, la muerte) y en que ansiamos interiormente un retorno a la misma paz infantil de la que fingíamos burlarnos- no resulta difícil ver por qué en tanto que cultura somos tan susceptibles a un arte y a un ocio cuya función primaria es la evasión, es decir, la fantasía, la adrenalina, el espectáculo, el romance, etcétera (p.83).

Ora, este incentivo para uma sociedade adolescente não é um privilégio do país de origem de Wallace; por aqui, temos mostras cada vez mais evidentes desta idolatria da juventude. Os valores juvenis estão crescentemente se impondo como um ideal, inclusive para os idosos (sexo na melhor idade, esportes radicais, tratamentos, meios de longevidade, padrões estéticos, etc.). Não é necessário robustecer de provas esta minha observação, basta um exame superficial ao redor e percebemos esta evidência.

Fisiologicamente, nosso corpo pede atitudes diferentes para diferentes estágios de nossa vida. A vivacidade juvenil é um indicativo de que este é o período de ação, de trabalho, de vivência; ao passo que a fragilidade do idoso é evidência de um período de contemplação e transmissão daquilo que ele viveu.

A sabedoria dos idosos não deve ser subserviente ao ímpeto juvenil, pois ambos são necessários e benéficos, individual e socialmente, porém a sabedoria é um valor superior, pois ilumina as demais qualidades. No entanto, uma sociedade sem velhos que saibam sua função de conservar e transmitir algo aos jovens, ao invés de se curvarem aos valores contingentes da juventude, está fadada a reinventar a roda constantemente. Desde sempre, os velhos significaram a sabedoria de sua tribo, polis, reino, etc.; diz a tradição que Lao-Tse nasceu de cabelos brancos, com o aspecto de um velho e que daí vem o seu nome, que significa *Velho Mestre*. Hoje, os mestres abrem mão do que empiricamente comprovaram durante suas vidas, para crerem e fazerem acreditar que é na

juventude que há sapiência. Abre-se mão, ou se sacrifica, um valioso acúmulo de intelectões em nome de hipotéticas realizações.

Uma sociedade adolescente não compreenderá nunca o humor de Kafka, porque nunca perceberá que o checo, quando está tratando de ratos e insetos, está tratando do leitor, do elemento humano, que não se reconforta no humor alienante, mas permanece em si e compreende, como adulto, o texto kafkiano.

REFERÊNCIAS

ANDERS, Gunther. *Kafka: pró e contra* (os autos do processo). Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2005.

KAYSER, Wolfgang. *O grotesco: configuração na pintura e na literatura*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

WALLACE, David Foster. *Hablemos de langostas*. Tradução para o espanhol de Javier Calvo. Buenos Aires: DeBolsillo, 2008.